

# Projetos Afetivo-Sexuais por Adolescentes e seus Pais

## Sexual-Affective Projects by Adolescents and their Parents

Márcia Stengel<sup>1</sup>

Stella Maria Poletti Simionato Tozo<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo discute como adolescentes de camadas médias e seus pais compreendem as relações afetivo-sexuais adolescentes, quais são os projetos afetivos dos filhos, as expectativas dos pais e os ideais de parceiros. A adolescência tem características específicas, tendo os adolescentes uma atitude ativa como agentes socioculturais. Alterações ocasionadas pela adolescência vêm acompanhadas por modificações na família contemporânea. Para compreender os projetos afetivo-sexuais por adolescentes e seus pais, foram realizadas entrevistas com adolescentes das camadas médias de Belo Horizonte e com seus pais. Há coincidência entre projetos que os adolescentes fazem para si e os que os pais fazem para seus filhos. O casamento e a parentalidade são desejados por ambos. Há descompasso entre pais e filhos quanto aos relacionamentos afetivo-sexuais dos últimos. A família é desejada e avaliada positivamente pelos adolescentes e seus pais.

**Palavras-chave:** adolescência; pais; relações afetivo-sexuais; família.

### Abstract

This article discusses how medium-class adolescents and their parents understand the sexual-affective relationships of the adolescents, what are the affective projects of the children, their parents' expectations, and the ideal partners. Adolescence has specific characteristics, and the adolescents have an active attitude as socio-cultural agents. Changes caused by adolescence are followed by modifications in the contemporary family. To understand the sexual-affective projects of adolescents and of their parents, interviews were made with medium-class adolescents of Belo Horizonte and their parents. There is a coincidence between the projects that the adolescents make for themselves and those that the parents make for their children. Marriage and parenthood are desired by both. There is a difference between parents and their children concerning the sexual-affective relationships of the adolescents. The family is desired and positively evaluated by the adolescents and their parents.

**Keywords:** adolescence; parents; affective-sexual relations; family.

---

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-graduação de Psicologia da PUC Minas, Doutora em Ciências Sociais – UERJ. Endereço para correspondência: Av. Itáú, 525, Dom Cabral, Belo Horizonte/MG, CEP: 30535-012. Endereço eletrônico: marciastengel@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Faculdade de Psicologia da PUC Minas, Doutora em Psicologia – USP. Endereço para correspondência: Rua Netuno, 190, Santa Lúcia, Belo Horizonte/MG, CEP: 30360-490. Endereço Eletrônico: stellatozo@terra.com.br

## Introdução

A sociedade contemporânea passou por uma série de transformações que alterou a família. Essas mudanças interferiram nas organizações familiares, nas formas e vivências de relações afetivo-sexuais e no relacionamento parento-filial. A partir de pesquisa financiada pela Fapemig, este artigo pretende discutir como adolescentes de camadas médias de Belo Horizonte e seus pais compreendem e significam as relações afetivo-sexuais adolescentes, quais são as expectativas dos pais e quais os ideais de parceiros.

A adolescência é tradicionalmente caracterizada como uma fase de transição entre a infância e a idade adulta. Entretanto, temos que considerá-la como um momento da vida com características específicas, em que os adolescentes têm uma atitude ativa como agentes culturais e sociais e não apenas cristalizam e reestruturam papéis aprendidos na infância.

Ao fazer um histórico do surgimento da adolescência, Ariès (1978) afirma que “A juventude apareceu como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada” (p. 47). Essa associação entre adolescência e inovação/renovação é uma ideia que se faz presente em nossa sociedade. Justo (2005) afirma que o adolescente encarna o “espírito de renovação e progresso” manifesto na cultura brasileira.

Calligaris (2000) argumenta que, em nossa cultura, a autonomia e a independência são valores centrais e exaltados. Nesse sentido, os pais transmitem a seus filhos ambição no sentido de não repetirem os mesmos status e vida que possuem. Em outros termos, os pais incentivam os filhos a desrespeitarem suas origens, não se conformando a elas e buscando se destacar socialmente. Esse movimento pode provocar no adolescente o desejo pela inovação.

Esse desejo vem associado à tarefa de construção de uma identidade adulta. A adolescência é caracterizada como um “processo marcado pela construção e conquista da subjetividade e individualidade” (Macedo, Azevedo & Castan, 2004, p. 20). Entretanto, esse processo não é simples, especialmente porque a sociedade transmite um duplo vínculo aos adolescentes. Por um lado, espera-se que o jovem busque autonomia, mas continue dependente, sendo-lhe imposta a moratória (Calligaris, 2000) que se caracteriza por competências ratificadas e obrigações definidas e, do mesmo modo, por uma tolerância especial que pode ser denominada status de aprendizagem.

Nesse movimento, o adolescente busca reconhecimento. Para tal, faz uma passagem de um círculo mais restrito – a família – para um mais amplo. Nessa ocasião, o adolescente une-se aos iguais, pessoas que estão vivendo a mesma situação. O grupo de pares passa a ter um valor preponderante, pois proporciona segurança e estima pessoal, oferecendo um sentimento de uniformidade. Assim, observamos os adolescentes se vestirem da mesma forma, usar gírias próprias e comuns ao grupo, terem atitudes e comportamentos iguais, mas com a intenção de serem diferentes dos outros e terem uma identidade própria. Essa uniformidade oferece proteção ao adolescente e, por mais contraditório que possa parecer, um sentimento de unicidade.

Essa nova posição que o adolescente ocupa no mundo trará remanejamentos no âmbito familiar. A mudança na relação com os pais provoca uma contínua negociação entre pais e filhos, “no sentido do estabelecimento das regras, obrigações e direitos atinentes a cada um no espaço familiar” (Brandão, 2004, p. 63).

Essas alterações na família, ocasionadas pela adolescência dos filhos, vêm acompanhadas das modificações na organização familiar contemporânea. É na medida em que consideramos a família como uma “instituição humana duplamente universal, uma vez que associa um fato de cultura, construído pela sociedade, a um fato de natureza, inscrito nas leis da reprodução biológica” (Roudinesco, 2003, p. 16), que podemos compreender sua característica de mutabilidade. Em outras palavras, a família é uma instituição que diz respeito à regulamentação social de atividades de base biológica (o sexo e a reprodução) e, portanto, é passível de modificação.

Devemos partir da ideia de que a família se altera devido a amplas variáveis sociais, ao momento histórico e à cultura em que está inserida. Ao assimilar o que lhe é externo, a família modifica e devolve à sociedade um novo produto, que, por sua vez, é alterado indefinidamente (Biasoli-Alves, 1995). A família descrita desse modo está sempre em constante mudança, seja em sua organização ou configuração.

Até meados dos anos 1960, o padrão de família predominante nas camadas médias metropolitanas brasileiras era a família conjugal moderna (Vaitsman, 1994), que coincide com o da família “moderna 1” proposto por Singly (2000). Havia papéis e funções bem diferenciados para homens e mulheres, que estavam a serviço do grupo familiar e das crianças. Esse modelo familiar era pautado por relações hierárquicas. A instituição do casamento, cuja base era o amor entre os cônjuges,

era valorizada e deveria durar até que a morte os separasse.

Atualmente, Singly (2000) escreve sobre o modelo de família “individualista e relacional”. Essa família “corresponde à instauração de um compromisso entre as reivindicações dos indivíduos em se tornarem autônomos e seus desejos de continuar a viver, na esfera privada, com uma ou várias pessoas próximas” (Singly, 2000, p. 15). Essa família não é um rompimento radical em relação à família tradicional anterior, mas uma extensão, na medida em que se enfatiza mais o amor, ou seja, agora o amor é condição e justificativa para que os cônjuges permaneçam juntos, dando ainda mais atenção às crianças. O processo de individualização ganha mais importância, transformando a família em um espaço privado a serviço dos indivíduos e tendo como elemento central os membros que a compõem. O princípio que regula as relações em seu interior é a equivalência, promovendo o relacionamento dos indivíduos a partir do ideal de igualdade e respeito, rompendo com a ideia de que as categorias homem/mulher e adulto (pais)/criança (filhos) sejam intrinsecamente diferentes.

No entanto, esse modelo familiar leva a um grau muito mais elevado de tensão do que o modelo tradicional, em diversas esferas. Assim, o amor, o casamento, a família, a sexualidade e o trabalho, antes vividos segundo papéis preestabelecidos, passam a ser concebidos como parte de um projeto em que o indivíduo conta decisivamente e adquire cada vez maior importância social. A manifestação da individualidade marca o sentido das mudanças atuais, com implicações nas relações familiares, fundadas no princípio da reciprocidade e da hierarquia. Hoje, a predeterminação dos papéis e funções sexuais, as obrigações entre pais e filhos, o exercício da autoridade e as questões dos direitos e deveres em família são objetos de constantes negociações e são passíveis de serem revistos. Sarti (2003) comenta que se vive um tempo repleto de alternativas e, ao mesmo tempo, muito normativo.

É nesse contexto que o adolescente vive suas primeiras experiências afetivo-sexuais e caminha para o mundo adulto. As relações afetivas participam na organização de sua vida e na construção de sua identidade psicossocial.

## Método

### Participantes

Para a construção dos casos a serem estudados, foram realizadas entrevistas com sete adolescentes, entre 15 e 19 anos, de ambos os sexos, das camadas médias de Belo Horizonte, e com quatro mães e um pai dos adolescentes entrevistados. Os participantes foram escolhidos na rede de contato das pesquisadoras, seguindo os critérios descritos abaixo para a composição dos casos. Esse número de entrevistas foi suficiente para oferecer a diversidade buscada e para propiciar uma análise aprofundada.

Entrevistamos adolescentes que fazem parte de famílias monoparentais femininas e nucleares, na intenção de abarcar de forma mais abrangente o universo atual de modelos familiares, pois são esses os mais recorrentes. A caracterização dos entrevistados pelo nível socioeconômico deu-se de acordo com a escolaridade e a profissão dos pais, ou seja, pais que têm escolaridade superior ou segundo grau completo ou, ainda, cuja ocupação profissional é a de autônomo com empreendimento de médio porte ou profissional liberal. Esse critério se justifica tendo em vista o capital cultural e o acesso a bens simbólicos que circulam nas famílias.

O Quadro 1 traz as informações sobre os entrevistados. No sentido de facilitar a leitura, os pais entrevistados (Alice, Artur, Cíntia, Marina, Vivian) têm nomes fictícios com a letra inicial correspondente à letra do nome fictício dos seus filhos (Ana, Beatriz, Carla, Diogo, Denise, Murilo, Vítor).

**Quadro 1:** Caracterização dos entrevistados

| Entrevistado | Idade | Escolaridade do pai | Idade/pai | Profissão do pai           | Escolaridade e da mãe | Idade/mãe | Profissão da mãe                         | Estado civil dos pais | Irmãos                                    |
|--------------|-------|---------------------|-----------|----------------------------|-----------------------|-----------|------------------------------------------|-----------------------|-------------------------------------------|
| Carla        | 16    | Ensino médio        | 44        | Vendedor                   | Ensino médio          | 46        | Do lar                                   | Casados               | Uma irmã de 15 anos                       |
| Beatriz      | 17    | Ensino médio        | s/i       | Fazendeiro e empresário    | Ensino superior       | s/i       | Fiscal do INSS                           | Casados               | Um irmão de 12 anos e uma irmã de 14 anos |
| Vítor        | 16    | Ensino superior     | 43        | Técnico da Receita Federal | Ensino médio          | 48        | Aposentada da Receita Federal por doença | Separados             | Não tem                                   |
| Murilo       | 15    | Pai falecido        | --        | --                         | Ensino médio          | 54        | Do lar                                   | Viúva                 | Irmão de 17 anos                          |
| Denise       | 15    | Ensino superior     | s/i       | Empresário                 | s/i                   | s/i       | s/i                                      | Casados               | Irmão gêmeo (Diogo)                       |
| Ana          | 17    | Ensino superior     | 40        | Administrador financeiro   | Ensino superior       | 38        | Contadora                                | Casados               | Irmão de 12 anos                          |
| Diogo        | 15    | Ensino superior     | s/i       | Empresário                 | s/i                   | s/i       | s/i                                      | Casados               | Irmã gêmea (Denise)                       |

### Procedimento

Realizamos entrevistas semi-estruturadas por considerá-las as mais adequadas aos objetivos propostos, pois proporcionam um diálogo intensamente correspondido entre o entrevistador e o entrevistado. Elas também possibilitam ao entrevistador acrescentar novas perguntas, necessárias para aprofundar e clarear pontos relevantes ao estudo (Moura, 1998).

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Sua identificação foi mantida em sigilo e, para tanto, nomes fictícios foram adotados.

A análise do material foi feita na perspectiva da análise do discurso. Como lembra Pêcheux (1984)<sup>3</sup>:

a análise de discurso não pretende se instituir como especialista da interpretação, dominando “o” sentido dos textos; apenas pretende construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito (...). O desafio crucial é o de construir interpretações, sem jamais neutralizá-las, seja através de uma minúcia qualquer de um discurso sobre o discurso, seja no espaço lógico estabilizado como pretensão universal. (p. 15-17)

<sup>3</sup> Citado por Maingueneau (1989, p. 11).

Essa é uma técnica privilegiada para tratar o material recolhido, como apontado por Vala (1986), pois trata-se da

desmontagem de um discurso e da produção de um novo discurso através de um processo de localização-atribuição de traços de significação, resultado de uma relação dinâmica entre as condições de produção do discurso a analisar e as condições de produção da análise. (p.104)

### Análise e Discussão dos Dados

#### Relações afetivo-sexuais dos adolescentes e a visão dos pais sobre o tema

Tanto os adolescentes quanto os pais entrevistados falaram de dois tipos de relações afetivo-sexuais presentes no cotidiano dos jovens: o ficar e o namoro. O primeiro é um relacionamento datado da década de 1980 e pautado pela falta de compromisso entre os parceiros, pela efemeridade e superficialidade. Pode ter a duração de uma noite, uma festa ou um único encontro entre os parceiros (Stengel, 2003; Chaves, 1994), ou seja, sua duração é a mesma que a duração daquele encontro (Justo, 2005). O ficar pode ir de um beijo e pela troca de carícias até a relação sexual, apesar de esta não ser muito presente nesse relacionamento.

O ficar é um tipo de relação bastante frequente entre os adolescentes. Todos o conhecem, seja por experiência própria ou através de amigos,

promovendo a compreensão do que venha a ser esse relacionamento e suas regras. Ainda que as regras não sejam, muitas vezes, claras ou definidas, elas existem e são de conhecimento dos adolescentes. A mais clara de todas é a falta de compromisso e de obrigação entre os parceiros (Matos, Féres-Carneiro & Jablonsky, 2005). Desse modo, não é requerido que haja encontros posteriores, telefonemas ou e-mails. A fidelidade e o sentimento também não fazem parte do ficar (Stengel, 2003).

Na maioria das vezes, os adolescentes consideram esse relacionamento pertinente apenas a um período da vida – quando mais novos, quando estão sem namorados – mas não como o tipo ideal de relação. Chaves (1994), em sua pesquisa, mostrou que à medida que vão ficando mais velhos os adolescentes não querem mais ficar com a mesma frequência, sentem-se frustrados quando esse é o relacionamento básico no cotidiano e preferem viver o ficar como ponte para um namoro.

As razões para os adolescentes ficarem vão da carência e solidão à exibição e ao ato de contar vantagem. O ficar é, também, uma forma de conhecer novas pessoas e de possibilitar uma escolha melhor de parceiros (Stengel, 2003). Essas razões podem coexistir num mesmo momento da vida do adolescente ou ir se alternando.

Desse modo, o ficar pode ser visto tanto positivamente – “*Esse negócio de ficar só pega a parte boa da coisa.*” (Vitor) – quanto negativamente – “*O ficar acho que desgasta muito*” (Carla). Pode, às vezes, trazer frustração, vazio e um sentimento de estranhamento, implicando em desprazer. Também pode ser uma escolha entre os jovens, mesmo que temporária, podendo significar uma fase de espera para um namoro. Essas visões particularizadas pelos jovens variam em função das experiências, expectativas pessoais e/ou momento de vida, o que significa que eles podem alterar suas visões ou ter visões distintas e até contraditórias simultaneamente.

Em contrapartida, os pais entrevistados têm dificuldade em compreender o ficar. Uma razão pode ser o fato de que, ao que parece, nenhum viveu o ficar em sua vida. Parecem considerá-lo como algo passageiro e vazio de significado (Matos et al, 2005): “*Como eles dizem agora, namorada não tem não, esse negócio de namorar, quando a gente pensa que tá namorando, tá ficando. Vai entender, né. Eu não sou muito a favor desse negócio de ficar não, sabe*” (Marina).

Há também uma incompreensão das regras do ficar pelos pais. Por esse motivo, Artur interpreta equivocadamente o relacionamento que sua filha estabelece com um rapaz. Pelo seu relato, a filha e o rapaz mantêm uma relação mais

descompromissada, com encontros esporádicos, mas que o pai caracteriza como um namoro:

*A Ana tem, tem um menino que a gente brinca e eu falo: ó, Ana, pode arrumar outro, senão cê vai ficar sem namorado, né. Porque ela, eles se gostam, mas, é, fica, se encontram de 3 em 3 meses, de 4 em 4 meses... Eles se conheceram na escola técnica através de uma amiga, mas fica nesse... que eu saiba, ela não tem outro namorado (risos).*

Ainda que o ficar seja uma prática recorrente na vida dos jovens, nem sempre é o tipo de relacionamento desejado. Ele pode ser uma passagem para o namoro. Ao ficarem, muitos adolescentes têm a expectativa de namorar. Várias pesquisas apontam a preferência pelo namoro entre os adolescentes (Chaves, 1994; Mariano, 2001; Stengel, 2003), o que não significa que eles não fiquem.

O namoro é caracterizado como uma relação de compromisso entre os parceiros e tem a aquiescência de ambos. É esperada a presença de um sentimento recíproco, definido como “*gostar muito*”, amor ou paixão.

Confirmando a continuidade de valores do namoro tradicional, o compromisso e a responsabilidade são pontos fundamentais no namoro atual. Esse é um aspecto que o diferencia do ficar, em que uma das características básicas é justamente a falta de compromisso: “*Hoje, o compromisso não remete o casal necessariamente ao casamento, porém ele pressupõe – ao menos em tese – um vínculo estável, monogâmico e fiel.*” (Chaves, 1994, p. 25). Outra diferença em relação ao ficar é a exigência da fidelidade (Stengel, 2003), mesmo que essa não seja praticada exatamente como se fala ou se espera.

As práticas sexuais também apontam uma distinção feita pelos adolescentes entre o ficar e o namoro. Em geral, o ficar não comporta a relação sexual entre os parceiros; já no namoro, é possível e, muitas vezes, esperado. Ana nos esclarece:

*Com ficante não [tem relação sexual]. Porque com ficante não é uma coisa séria, com namorado tem que ter uma relação de confiança muito grande, tem que saber que se você confia nele, que não vai ser uma coisa assim; tem que significar tanto para você quanto para ele, que você não vai ser só mais uma na vida dele, entendeu?*

De acordo com os adolescentes entrevistados, o namoro: “*deve ser uma coisa assim que cê deve ter mais tranquilidade, né... Cê não precisa, cê não*

*precisa, né... ficar armando. Cê tem uma pessoa pra fazer mais as coisas com você”* (Vítor).

Vítor expressa a ideia de companheirismo esperada no namoro, assim como Carla: *“Acho que é cê sempre tá com a pessoa, a pessoa ser sua companheira. Principalmente amiga. Ela estar sempre nos seus momentos bons e ruins. Isso que quer dizer um compromisso sério. Um companheiro”*.

O namoro é dividido entre sério e não sério. Duas características podem ser salientadas para essa diferença: o sentimento e a família. Se, no ficar, o sentimento não é exigido, no namoro ele é esperado. Entretanto, nesse relacionamento, nem sempre o afeto está presente ou é recíproco; aceita-se sua ausência ou apenas uma pequena proporção dele, mas apenas temporariamente. Caso persista a falta de sentimento, o namoro é desvalorizado e considerado como sem seriedade.

O envolvimento da família é um termômetro para a seriedade da relação, ou seja, um namoro sério é aquele em que o(a) namorado(a) é apresentado(a) aos familiares e frequenta a casa. Muitos adolescentes não gostam de namorar em casa, onde a família pode exercer mais controle sobre o casal e sua sexualidade, assim como o namoro pode adquirir uma dimensão não desejada por eles, tornando-se mais sério que o pretendido.

Na intenção de apontar o compromisso e a seriedade do namoro, a aliança de compromisso tem sido, atualmente, uma prática recorrente entre adolescentes. Na época das entrevistas, Murilo e Carla estavam namorando havia quase um ano e usavam a aliança desde o terceiro mês de namoro. Carla conta que Murilo lhe fez uma surpresa em sua festa de aniversário ao lhe dar a aliança. Quando perguntamos sobre o significado da aliança, ela diz: *“Não sei te dizer o que passou na cabeça dele não pra me dar uma aliança não. Mas eu acho que foi pra ter um compromisso sério. Acho que quis dizer isso, que não quer brincadeira”*.

Esses depoimentos dos adolescentes apontam que eles vêem o namoro com seriedade, visão que parece não ser compartilhada pelos pais. Além de relatarem que, quando eram jovens, suas possibilidades de saídas e namoros eram mais restritas e controladas, as mães vêem os relacionamentos hoje como menos respeitosos: *“É a criançada hoje, vamos dizer assim, eles ficam, não namoram, e a gente sabe, que na minha época a gente dava mais respeito...”* (Vivian).

A falta de respeito é localizada pelas mães na relação do par e uma explicação para tal é a rapidez com que os relacionamentos são estabelecidos, impossibilitando ao casal um conhecimento mais amplo entre eles. Por outro lado, a falta de respeito aparece também referida aos pais:

*Nessa, nessa questão de sexo (pausa), eles não respeitam mais pai, mãe e isso eu acho que assim o jovem de hoje abusa muito, pra eles está tudo normal. (...) Hoje o povo já transa sem conhecer. Isso é, se conhece, né? (...) Eles namoram dois, três dias e já estão transando, e eu acho que não é bem assim. Não é! Eu falo assim, nesse ponto assim, eu acho que é um abuso, entende?* (Cíntia)

Parece que a grande dificuldade dos pais refere-se às práticas sexuais, já que atualmente a possibilidade de ter relações sexuais em um namoro menos compromissado está colocada. Uma das mudanças significativas que ocorreu em relação ao namoro foi justamente a possibilidade de saída da casa para a rua, o que implica diminuição da vigilância sobre o casal e, conseqüentemente, mais liberdade para um factível envolvimento sexual. Moreira (2001) caracteriza a atual geração de adolescentes como sendo reacionária, no sentido de que eles retomam valores e comportamentos que foram alvo de rompimento pela geração parental. Vale dizer, os adolescentes e os pais entrevistados valorizam o namoro em casa, retomando um padrão de gerações anteriores. O namoro em casa não deixou de existir para a geração desses pais. Ainda que pessoalmente eles não tenham rompido com os padrões estabelecidos, fazem parte de uma geração que realizou esse rompimento e que, por isso, é denominada revolucionária por Moreira (2001).

Há que se considerar também que, estando no exercício parental, ou seja, responsáveis por seus filhos, os pais tomem posições distintas daquelas que tinham ou poderiam ter quando adolescentes.

Alice, que caracteriza sua filha como uma pessoa mais reservada, que sai pouco, preocupa-se justamente com o fato da filha ter pouca experiência e com as conseqüências disso para sua vida, principalmente quando ingressar na universidade:

*Às vezes preocupa. A cabeça da gente também funciona assim, né. Aí, cê pára: minha filha vai entrar pra faculdade tão despreparada, cruzinha! Aí... Esse cruzinha que eu falo, é assim, de não sair, de nunca ter tido um namorado...*

Um ponto recorrente nas entrevistas foi a tentativa dos pais de aconselhar seus filhos. Eles se percebem como uma referência importante na vida dos filhos, até mesmo por serem mais experientes: *“a gente serve de referência. A gente tem que estar sempre atento, falando alguma coisinha. Muitas coisas, né! Não uma coisinha”* (Marina).

Os conselhos se referem à vida em geral dos adolescentes, como os estudos e as amizades, mas

parecem ser mais frequentes em relação à vida afetivo-sexual. Predebon (2002) discorre que, atualmente, os pais, de um modo geral, dão aos filhos mensagens diretas ou indiretas de que devem ser procurados em caso de dúvida sobre questões ligadas à sexualidade, mostrando-se mais liberais. Essa liberdade significa abertura para o tema, assim como para que os filhos escolham o momento que desejam estabelecer a conversa. O discurso da liberdade também parece tranquilizar os pais, na medida em que, por diversas ocasiões, eles se eximem de perguntar aos filhos, mas ficam com a certeza de que esses o farão quando necessário.

Os pais acreditam que as conversas sobre questões sexuais também evitam problemas. Predebon (2002) aponta uma série de pesquisas que comprovam que o diálogo aberto entre pais e filhos sobre essas questões possui influência significativa na idade da iniciação sexual dos jovens, na prevenção da gravidez na adolescência e no uso de métodos contraceptivos.

*Eu falo com ele pra tomar as providências ou providências, sei lá, né (risos), porque eu falo: Vítor, hoje em dia é muito complicado, esses negócios de ficar, por exemplo. Eu falo: você ande sempre com preservativo. Porque na hora até você ir procurar um preservativo na farmácia já viu, né. Então, é melhor precaver (risos). (Vivian)*

*E, com a Ana que tá saindo pra festinha agora. A Alice deve conversar com ela um pouco mais intimamente, porque ela fica com vergonha, né, mas, indiretamente a gente sabe que deve ter essa conversa sobre sexo seguro e coisas desse tipo. (Artur)*

As relações afetivo-sexuais dos adolescentes, ao mesmo tempo em que são alvo de preocupações e controles, também são esperadas. Quando os pais percebem que os filhos não se relacionam de um modo geral, ou de uma forma mais específica, eles podem aconselhar seus filhos nesse sentido.

*Eu fico: filha, ligar pra um rapaz que você até beijou na boca e convidar pra ir ao cinema, não é ser oferecida. Ser oferecida é pular no pescoço dele na frente de todo mundo, esse tipo de coisas. Permitir que ele logo de cara já vai passar a mão em você, isso é ser oferecida. Agora, convidar pra ir ao cinema... Porque, se você não ligar, ele vai pensar que você não está interessada nele. (Alice)*

As mães apresentam algumas estratégias na hora de aconselhar. Elas partem do princípio de que é sua função o aconselhamento dos filhos, mas entendem que, se forem muito incisivas, a recomendação pode não funcionar. Apesar de aconselharem, a dúvida quanto à eficiência dos conselhos paira no ar e, aí, os filhos devem se

responsabilizar por seus atos. Como diz Cíntia: *“Conselho a gente dá, falar a gente fala, mas não quis ouvir, então, assume”*.

### **Família e casamento: expectativas dos pais e projetos afetivos dos adolescentes**

A curto e médio prazos, os projetos afetivo-sexuais dos adolescentes entrevistados é ficar e namorar. Todavia, a longo prazo, o casamento e a constituição de uma família são um projeto recorrente entre os adolescentes entrevistados. Os jovens são unânimes em afirmar sua intenção de casar e possivelmente ter filhos. Eles pretendem se casar no civil e no religioso, morar na mesma casa e compartilhar as despesas domésticas, sinalizando para um modelo de casamento igualitário. A ordem é que o plano de casamento realize-se após a formatura em um curso superior, seguida pela estabilidade profissional e financeira. Esses projetos são compartilhados tanto pelos meninos quanto pelas meninas:

*Então, mais fácil uma coisa assim de cada vez, aí primeiro estuda, aí arruma emprego, se tiver condição eu sei quantos filhos eu vou poder ter e é melhor assim do que ter tudo de uma vez e não conseguir fazer nada. (Lívia)*

Esses dados correspondem aos de outras pesquisas (Stengel, 2003; Matos *et al.*, 2005; Moreira, Stengel, Eduardo & Azevedo, 2009).

Os projetos dos pais entrevistados vão ao encontro desses imaginados pelos filhos. Também esperam que seus filhos se casem, constituam uma família, mas como um projeto a longo prazo, pois isso requer uma estrutura que hoje os jovens não podem ter. Como diz Cíntia: *“Agora não [constituir família], só mais pro futuro (risos), tem que terminar os estudos antes, né?” (risos)*

Marina reitera:

*E eu falo pro meus filhos: casar, mas casar assim, quando tiver preparado, com a vida pronta, porque depois fica difícil. Então tem que primeiro preparar, pra só depois casar, né. Estudar, formar, arrumar um emprego legal, então só assim pensar.*

As mães entrevistadas foram enfáticas em afirmar a necessidade dos filhos continuarem seus estudos. Ainda que algumas não tenham dito isso explicitamente, podemos inferir que elas esperam que seus filhos concluam um curso superior. Essa inferência deve-se ao fato de os filhos já estarem no ensino médio e de haver, nas camadas médias, tal expectativa de escolarização. Aline ilustra esse ponto ao dizer: *“Eu quero que ela faça o terceiro*

*ano muito bom e quero que ela faça o cursinho, porque eu não quero jogar o investimento que eu to fazendo desde o início do ano fora”.*

Percebemos nas entrevistas que as mães hierarquizam os projetos que fazem para seus filhos. Dessa forma, os estudos são colocados como prioritários em relação aos namoros e casamentos, inclusive com o argumento de que os primeiros são fundamentais para a execução dos segundos: *“Eu queria que ela arrumasse um namorado logo; agora já não quero mais. Agora, perto do vestibular, não compensa, vai desfocar”* (Alice).

A hierarquização dos projetos realizada pelos pais pode ser considerada sob outro aspecto. Brandão (2004) discute um descompasso presente hoje entre dois pontos fundamentais do processo de individualização dos jovens: a autonomia, significada como autodeterminação pessoal, e a independência, compreendida como auto-suficiência econômica. Esses pontos demandam de pais e filhos negociações contínuas para estabelecerem regras, direitos e deveres para cada um no âmbito familiar. Essas são consequências das transformações ocorridas na família contemporânea. Nesse sentido, a autora afirma que *“Se a sexualidade pode ser apreendida como cenário privilegiado para o exercício gradual da autonomia juvenil, os constrangimentos familiares se fazem presentes na expectativa parental de engajamento dos filhos na construção de uma carreira profissional”* (Brandão, 2004, p. 64).

Quanto ao modelo da possível família futura de seus filhos, ele é pensado seguindo o arranjo da família nuclear conjugal, implícita ou explicitamente, como na fala de Vivian: *“Eu acho que é importante o modelo pai, mãe e filho. (...) Por isso eu quero que o meu filho seguia esse modelo”*.

Também ter filhos surge relacionado à naturalidade desse fato: *“Vai casar, vai ter filhos”* (Alice); *“Lógico, qualquer ser humano quer ter filho. Eu acho que Vítor deve querer ter mais de um filho...”* (Vivian).

O casamento é valorizado pelos adolescentes, que, em sua maioria, pensam-no pautado no amor e com sua duração *“para sempre”*. Essa perspectiva só foi relativizada por Vítor, que viveu a experiência de separação dos pais. Talvez por isto ele afirme: *“Quero casar, mas sem a inocência de, de achar que é perfeito e que vai durar pra sempre”*.

Mas, na sequência da entrevista, ele diz:

*É que o casamento é pra sempre. O morar junto é aquela coisa mais assim, se um dia acontecer alguma coisa a gente simplesmente pega as coisas e vai embora. No casamento não, tem que ter divórcio, tem que ter separação de bens. Tem que olhar tudo*

*bonitinho, né? E eu acho que o casamento e o divórcio dão uma importância a mais. Só o morar junto e o arcar é uma coisa como se fosse mais comum.*

Aqui ele aponta uma contraposição entre casar e morar junto, compartilhando uma ideia recorrente em nossa sociedade que ignora que, legalmente, há a figura da união estável garantindo direitos e deveres ao casal. Podemos pensar que essa contraposição feita por Vítor fala de sua percepção relativa a compromisso. A valorização do casamento pelos adolescentes articula-se com a percepção que têm de compromisso e seriedade. Dessa forma, uma relação séria é aquela compromissada, ou seja, na qual há um acerto de regras e obrigações entre os parceiros, compartilhadas por eles e pelo círculo social próximo, incluindo aí familiares e amigos. Dessa forma, o casamento religioso e/ou civil marca essa lógica e é garantia do acordo estabelecido entre o casal. A contraposição também pode ser pensada como uma solução de compromisso entre o ideal – desejo de um casamento para sempre – e a realidade – o aumento do número de divórcios atualmente.

A consideração feita acima por Vítor é, em certo sentido, percebida por Artur, pai de uma adolescente entrevistada:

*Eu creio que cada vez mais eles vão viver essa confusão da modernidade, né, com mais intensidade que nós. Então, nesse sentido, eu acho que vão ser diferentes. Apesar de que eu acredito muito na instituição família, cada vez eu vejo que o mundo moderno tem perdido um pouco dessa preciosidade da família.*

Ainda que Artur perceba que as escolhas na contemporaneidade são mais fluidas e possíveis, e que a família como instituição tem sido cada vez mais questionada enquanto espaço adequado de convivência, para ele, como para os outros pais entrevistados, a família permanece como um valor e é desejada para os filhos.

### **Ideal de parceiros**

Para realizar os projetos afetivos, que incluem casamento e parentalidade, os adolescentes idealizam seus parceiros futuros e as características que eles devem ter. Como pensam que a base do casamento é o amor, esse é o primeiro ponto enfatizado: *“(...) amar a pessoa e tem que ser recíproco, não pode eu só gostar dele e ele não gostar de mim”* (Ana). A amizade e o companheirismo entre o casal também são



valorizados: *“Tem que ter uma cumplicidade também, uma harmonia entre os dois, ser feliz e se sentir feliz fazendo o outro feliz”* (Ana).

Stengel (2003) aponta que, para os adolescentes, há uma relação direta entre fidelidade e seriedade no relacionamento. Dessa forma, quanto mais séria é considerada a relação, maior a exigência de fidelidade entre os parceiros. Essa lógica também está presente entre os nossos entrevistados. Tanto os meninos quanto as meninas afirmam que a fidelidade é um fator importante para a relação afetivo-sexual, especialmente no casamento (Matos *et al.*, 2005).

A idealização do (a) parceiro(a) pode ser resumida na ideia do encontro da alma gêmea. Alguns entrevistados afirmam acreditar que existe uma alma gêmea, ou seja, uma pessoa que complete o sujeito e com quem ele irá ser muito feliz. Vítor explica o que é a alma gêmea:

*Vivem a vida inteira juntos, têm os filhos, tudo bonitinho assim. O casal perfeito. Aquela coisa assim, tem os problemas e tudo mais, mas sempre estiveram juntos, sempre... Um amando muito o outro, acho que isso é alma gêmea, encontrar uma pessoa que te completa perfeitamente, uma pessoa assim que na primeira conversa, no primeiro abraço, cê já sabe que com aquela pessoa cê vai ter um tempo pro resto da vida com ela.*

Encontrar a alma gêmea não parece aos entrevistados uma tarefa fácil, provocando-lhes hesitação, inclusive, quanto a encontrarem a sua. O próprio Vítor duvida dessa possibilidade em sua vida: *“Eu sinceramente acho que não vou achar uma alma gêmea. Não sei nem se isso existe”* (Vítor).

Os pais entrevistados também têm expectativas quanto aos companheiros que os (as) filhos (as) virão a ter. Entretanto, parecem idealizar menos do que os adolescentes. Poderíamos mesmo esperar por isso, pois os pais já tiveram experiências afetivo-sexuais, se não necessariamente em maior número, por mais tempo que seus filhos. Desse modo, Artur afirma:

*Mas, em termos de relacionamento, né, a gente vê casos e casos, né. Eu acho que não existe ninguém 100%. Eu acho que é importante as pessoas entenderem isso, e que todos têm suas virtudes, seus defeitos, né. E eu acho que num relacionamento cada um ajuda o outro a crescer, né, e a amadurecer e a ser melhor enquanto pessoa, né.*

Se, a princípio, os entrevistados responderam focados nos sentimentos dos filhos e em valores como amor, companheirismo, fidelidade, ficou

claro que outros valores aparecem para os futuros parceiros, como a questão de gênero. Marina, mãe de dois adolescentes do sexo masculino, ressalta, quanto às companheiras ideais para os filhos: *“Acho que tem que ser uma pessoa que goste de mexer com casa, cuidar dos filhos”*. Já Cíntia, mãe de duas garotas, pensa também nas características, a seu ver positivas, de futuros genros: *“Uma pessoa com mais responsabilidade, né. Mais velho que elas, não sendo da mesma idade. Pelo, pelo trabalho, uma coisa fixa, porque só estudando, né. Queria isso!”*

Esse critério colocado por Cíntia corresponde ao que pesquisas sobre sexualidade e gênero têm apontado como um julgamento diferencial entre homens e mulheres sobre o parceiro. Bozon, citado por Brandão (2004), aponta para o fato de que, “na avaliação feminina, a ‘idade social’ masculina tem preponderância sobre a idade cronológica, para indicar uma postura de (i)maturidade e de (ir)responsabilidade social.” (p. 75). Esse dado corrobora a pesquisa de Pais (2003) com jovens portugueses.

A pesquisa portuguesa também aponta que os jovens afirmam que as pessoas casam-se por amor e por interesse, simultaneamente. Entretanto, em seus casos pessoais, os jovens parecem privilegiar as hierarquias sentimentais e eróticas sobre as hierarquias econômicas. Entretanto, o autor salienta que

a ‘varinha do amor’ não os une, nem sequer os aproxima, ao acaso. (...) existe uma homogamia espacial no encontro dos futuros esposos, e mais: à segregação espacial de diferentes classes sociais corresponde uma segregação paralela dos locais de encontro. (Pais, 2003, p. 335)

Essa perspectiva não parece ser vislumbrada pelos adolescentes. Os ideais do amor romântico, iniciados no final do século XVIII e início do XIX, referem-se à valorização das emoções e da compatibilidade psicológica, consideradas como essenciais para um relacionamento amoroso (Chaves, 2004). Pela primeira vez, o amor romântico vinculou a ideia do amor com a da liberdade, ambos sendo considerados como estados normativamente desejáveis. A escolha individual, ampla e irrestrita é básica e não uma resposta social ao grupo; o amor se centra no indivíduo e não na situação. Apesar das mudanças havidas nos ideais amorosos contemporâneos, como por exemplo, a presença do amor líquido<sup>4</sup> (Bauman, 2004), o amor

<sup>4</sup> A concepção de amor líquido em Bauman (2004) transpõe a lógica das relações de consumo para as relações amorosas. Dessa forma, o outro é tratado como um objeto de consumo, sendo julgado pelo prazer oferecido. A ideia central é aproveitar os

romântico continua sendo considerado e desejado pelos indivíduos, ainda que não no mesmo formato dos séculos anteriores (Vieira, 2009). Desse modo, ao pensarem sobre seus parceiros, os adolescentes consideram exclusivamente a lógica do amor e da livre escolha, como se essa não sofresse outros atravessamentos além da presença ou não do sentimento.

É a presença do amor que justifica contemporaneamente o casamento, isto é, casa-se por amor e separa-se quando termina o amor. Nesse sentido, se o casamento é pautado no amor e esse obedece à lógica de uma livre escolha dos parceiros, o matrimônio se daria sem a interferência familiar. Esse discurso está presente entre os entrevistados. Entretanto, podemos apontar uma ambiguidade: ainda que a interferência da família não seja como em tempos anteriores, ela aparece na medida em que os filhos apresentam seus parceiros aos pais e esperam a aprovação deles e na medida em que os pais manifestam sua (in) satisfação em relação aos parceiros dos filhos, havendo até casos em que os pais tentam proibir namoros dos filhos.

Nesse sentido, os pais entrevistados afirmaram que só aconselhariam ou interviriam na escolha amorosa dos filhos em casos excepcionais, como o de parceiros que utilizam drogas. Caso contrário, “*não vou atormentar com a opção dele; (...) comigo não tem estas besteiradas não, o importante é ele tá feliz com quem for, independente, né?*” (risos) (Vivian). Todavia, vimos na fala dos entrevistados o incentivo para o estabelecimento de certos relacionamentos ou a tentativa de dissuasão de outras relações afetivo-sexuais.

Há que se considerar ainda que tanto os adolescentes quanto seus pais projetam o casamento a longo prazo. Dessa maneira, os pais podem pensar que a escolha por um marido/esposa seja longínqua na vida dos filhos e, por isso, podem sustentar um discurso mais “liberal”, alegando que não interferem em suas escolhas e que o importante é a felicidade deles.

### Considerações Finais

A realização de entrevistas com os adolescentes e alguns de seus pais possibilitou fazer um paralelo entre as relações afetivo-sexuais vividas e pensadas por cada um desses atores sociais.

Há coincidência entre os projetos que os adolescentes fazem para si e os pais fazem para seus filhos. Temos assim que o casamento – e seu

---

prazeres proporcionados pelo relacionamento, evitando, ao máximo, as tensões e dificuldades. Há também a tentativa de não depender do outro, assim como o parceiro não deve impedir o exercício da individualidade.

desdobramento em parentalidade – é apontado como um horizonte possível e desejado por ambos os grupos de sujeitos entrevistados. Enquanto os pais esperam que seus filhos encontrem um parceiro que tenha um grau de escolaridade compatível com o nível socioeconômico da família, tenha amor, companheirismo e fidelidade, os adolescentes sonham com a “alma gêmea”, ou seja, uma pessoa que os complete e com um amor recíproco.

Há um descompasso entre pais e filhos no que tange aos relacionamentos afetivo-sexuais dos últimos. Enquanto para os adolescentes o ficar com alguém é uma prática comum entre eles e, por isso, bem compreendida, para os pais há uma dificuldade de entendimento e até de aceitação. Esse descompasso aponta para as diferenças geracionais.

Entretanto, os modelos de amor e de relacionamentos antigos permanecem no imaginário dos adolescentes, tensionado, muitas vezes, por modelos mais atuais. É desse modo que os adolescentes vivem o ficar, mas sonham com a alma gêmea, coerente com o ideário do amor romântico. Evitam o compromisso, por um lado; buscam fidelidade, segurança e seriedade, por outro. Os adolescentes precisam assimilar, no âmbito das relações afetivo-sexuais, as contradições, os impasses e as possibilidades da sociedade contemporânea.

Por fim, podemos dizer que a família, apesar de todas as transformações que vem atravessando nas últimas décadas, ainda é desejada e avaliada positivamente tanto pelos adolescentes quanto por seus pais. Além disso, os filhos esperam manter valores e práticas dos pais, mostrando-nos algumas permanências quando se pensa a família na atualidade.

### Referências

- Ariès, P. (1978). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (1995). *Família - socialização - desenvolvimento*. Tese de Livre-Docência, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Brandão, E. R. (2004). Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. In Heilborn, M. L. (Org.). *Família e sexualidade* (pp. 63-86). Rio de Janeiro: FGV.

- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Chaves, J. C. (1994). *“Ficar com” - um novo código entre jovens*. Rio de Janeiro: Editora Revan.
- Chaves, J. C. (2004). *Contextuais e pragmáticos: os relacionamentos amorosos na pós-modernidade*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Justo, J. S. (2005, janeiro/junho). O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, 17(1), 61-77. Jan./Jun. Recuperado em 09 de julho, 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v17n1/v17n1a05.pdf>.
- Macedo, M. M. K., Azevedo, B. H. & Castan, J. U. (2004). Adolescência e psicanálise. In M. M. K. Macedo (Org.). *Adolescência e psicanálise: interseções possíveis* (pp. 13-64). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Maingueneau, D. (1989). *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes Editores.
- Mariano, C. L. S. (2001). *Um estudo sobre os relacionamentos amorosos na adolescência*. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo.
- Matos, M., Féres-Carneiro, T. & Jablonsky, B. (2005). Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. *Interação em Psicologia*, 9(1), 21-33. Recuperado em 06 de julho, 2010 de <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=484459&indexSearch=ID>.
- Moreira, M. I. C., Stengel, M., Eduardo, C. R. A. & Azevedo, R. A. (2009). Relações intergeracionais entre pais e filhos jovens universitários. In M. T. C. Guimarães & S. M. G. Sousa (Orgs.). *Juventude e contemporaneidade: desafios e perspectivas* (pp. 175-195). Goiânia: Cãnone Editorial, Editora UFG.
- Moreira, M. I. C. (2001). *Gravidez na adolescência: análise das significações construídas ao longo de gerações de mulheres*. Tese de Doutorado, PUC-São Paulo, São Paulo.
- Moura, M. L. S. (1998). *Manual de elaboração de projetos de pesquisa*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Pais, J. M. (2003). *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Pêcheux, M. (1984). Sur les contextes épistémologiques de l’analyse de discours. *Mots*, 9(9), 7-17.
- Predebon, J. C. (2002). Conversando sobre sexo na família com filhos adolescentes. In A. Wagner (coord.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações* (pp. 159-171). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Sarti, C. A. (2003). Família e individualidade: um problema moderno. In M. C. B. Carvalho (Org.). *A família contemporânea em debate* (pp. 39-49). São Paulo: EDUC/Cortez Editora.
- Singly, F. (2000). O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In C. E. Peixoto, F. E. Singly & V. Cicchelli (Orgs.). *Família e individualização* (pp. 13-19). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Stengel, M. (2003). *Obsceno é falar de amor? As relações afetivas dos adolescentes*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas.
- Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e Plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Orgs.). *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Vieira, E. (2009). *Os nós do eu com o nós: individualismo e conjugalidade na pós-modernidade*. Dissertação de Mestrado, PUC Minas, Belo Horizonte.

Categoria de contribuição: Relato de pesquisa  
 Recebido: 25/08/10  
 Aceito: 09/11/10